



Manuela M. Monteiro/J. Lafuente

PERFIL

A paixão pela Psicologia só surgiu após os cursos de Química e Bioquímica, por onde iniciou a sua formação superior e a sua actividade como investigadora no Laboratoire de Biologie Marine da Universidade de Paris VII. Mais interessada pela “química dos afectos”, licenciou-se depois em Psicologia, na Universidade de Paris. Doutorou-se em Ciências Médicas (especialidade Psicologia Médica). É Professora Associada de Psicologia no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto e investigadora no Departamento Unigene e no Centro de Medicina Preditiva e Preventiva do Instituto de Biologia Molecular e Celular da Universidade do Porto. Tem sido responsável pela formação pós-graduada em diversos

curso, mestrados e num programa de doutoramento em Saúde Mental da Universidade do Porto, de que é Presidente da Comissão Coordenadora. Tem formação e experiência clínica em Terapia Familiar, em Psicossomática, em Psicodrama Psicanalítico de Grupo e, a mais importante, em Psicanálise. É psicanalista titular e membro da Direcção do Instituto de Psicanálise do Porto.

Tem tido grande actividade na difusão do conhecimento, quer na publicação de artigos científicos em revistas nacionais e internacionais, quer na participação em encontros científicos como conferencista. É escritora e tem publicado regularmente, em áreas de que é autora de referência.

Obras publicadas a destacar:

- FLEMING, M. (1976), *Ideologias e Práticas Psiquiátricas*, Porto, Ed. Afrontamento (esg.).
- FLEMING, M. (1993), *Adolescência e Autonomia: Desenvolvimento Psicológico e Relação com os Pais*. Porto, Ed. Afrontamento (2.ª ed. 1997).
- FLEMING, M. (1996), *Família e Toxicoddependência*. Porto, Ed. Afrontamento (2.ª ed. 2000).
- AMARAL DIAS, C., FLEMING, M. (1998), *A Psicanálise em Tempo de Mudança, Contribuições teóricas a partir de Bion*, Porto, Ed. Afrontamento.
- FLEMING, M. (2003), *Dor sem Nome. Pensar o Sofrimento*, Porto, Ed. Afrontamento (2.ª ed. 2004).

ENTREVISTA COM...

Manuela Fleming

Professora e psicanalista, Manuela Fleming fala-nos sobre a sua formação e o seu trabalho. O processo de autonomia dos adolescentes, bem como o sofrimento psíquico (a “dor sem nome”) são alguns dos temas da sua obra que conosco revê nesta entrevista.

Quando contactou pela primeira vez com a psicanálise?

O meu primeiro contacto com a psicanálise foi em Paris enquanto estudante de Psicologia, vivia-se ainda sob a turbulência emocional e ideológica do Maio de 68... Eu ia assistir aos célebres seminários do psicanalista Jacques Lacan da École Freudienne e, embora me fosse ainda difícil entender aquela fala, ficava deslumbrada pelo seu pensamento e as suas ideias sobre algo muito misterioso: o funcionamento da mente humana (tão ou mais misterioso quanto o Universo?). Apercebi-me do enorme e fascinante campo de conhecimento que a psicanálise representava e que a Faculdade de Psicologia não me permitia (embora tivesse alguns professores psicanalistas...).

E quando voltou a Portugal?

Em Portugal, e já a trabalhar como psicóloga clínica, decidi, por razões pessoais, fazer a minha própria psicanálise. Essa experiência foi tão forte e gratificante que decidi no final da minha análise ser psicanalista! Queria ser capaz de propiciar a outras pessoas um método de ajuda clínica que a minha própria vivência me mostrou ser muito humano e eficaz. Resolvi, portanto, iniciar a minha formação como psicanalista na Sociedade Portuguesa de Psicanálise, em Lisboa (única entidade em Portugal que confere o título de psicanalista e o direito legal ao exercício dessa profissão). Fui aceite e fiz essa formação durante mais ou menos seis anos, uma longa caminhada, visto que a formação para psicanalista é muito exigente em termos teóricos e clínicos.

Então porquê a especialização em psicanálise?

Entre muitas razões, especializei-me em psicanálise porque me permite uma compreensão alargada do ser humano, na sua condição de ser criativo, generoso e

gerador de felicidade, mas também na sua condição de desamparado, dependente e sofredor... Porque, na minha opinião e baseada na minha experiência, é um método clínico, tecnicamente rigoroso e solidamente assente em teorias robustas sobre a psicopatologia e o adoecer humano. Estas algumas das razões por que me especializei em psicanálise.

Que tipo de problemas e conflitos justificam uma consulta no psicanalista?

A psicanálise é hoje um tratamento adequado a todo o tipo de perturbação de natureza psicológica ou psicossomática. Na prática, o tratamento é sobretudo procurado por pessoas que já recorreram a outros tipos de terapia (às vezes durante anos) e não obtiveram melhoras satisfatórias, por pessoas que não querem ser tratadas através de métodos muito intrusivos (medicamentosos ou terapias de comportamento...) e desejam sobretudo curar-se através do conhecimento de si próprias, no contexto de uma relação terapêutica. Este tipo de conhecimento de si próprio, o *insight* psíquico, é um dos instrumentos de cura, já que conhecer-se, se, por um lado, pode representar algum sofrimento (porque a verdade sobre o próprio nem sempre é fácil de aceitar), por outro é em si mesmo terapêutico...



Há alguma faixa etária especialmente “vacionada” para fazer psicanálise?

Pode recorrer a um psicanalista qualquer pessoa, em qualquer idade, que deseje (precise) fazer ou um tratamento psicanalítico ou uma psicoterapia psicanalítica (mais breve e portanto menos dispendiosa) ou ainda qualquer pessoa que pretenda apenas um tipo de consulta diferente. Em quê? No tipo de escuta e de compreensão para os seus problemas e que lhe propicie maior clareza sobre o seu mundo psíquico interno, sobre os seus conflitos psicológicos ou sobre os impasses em que se encontra... Podem também recorrer às consultas de um psicanalista os pais preocupados com os seus filhos bebés, crianças ou adolescentes, bem como pessoas no declínio das suas vidas activas...

Alguns dos seus livros abordam temas relacionados com a adolescência. Qual a razão deste interesse?

Penso que o motivo por que nos interessamos por determinadas pessoas ou por certos temas, e não por outros, é, muito provavelmente, da ordem do inconsciente. Chegamos às coisas ou são as coisas que chegam a nós? Costumo dizer que investigo sobre aquilo que não sei e preciso de saber... Talvez não seja alheio o

“GOSTARIA QUE OS JOVENS FOSSEM MAIS IRREVERENTES, MAIS CRÍTICOS, QUE TIVESSEM MAIS ‘GOLPE DE ASA’ (SERÁ QUE NÃO TÊM SONHOS?) E QUE LUTASSEM POR UM MUNDO MELHOR...”

desejo de saber mais sobre a minha própria adolescência ou talvez me tenha movido o desejo de compreender seres tão estranhos e incompreensíveis, enclausurados entre uma infância, difícil de perder, e uma idade adulta, difícil de conquistar...

Qual a importância do estudo da adolescência na compreensão do adulto?

Posso dizer que considero a adolescência como uma fase do ciclo de vida extremamente importante do ponto de vista do desenvolvimento psíquico. É como se fosse dada ao adolescente uma segunda oportunidade para “liquidar” as problemáticas da infância, nomeadamente no plano da desidealização da realidade familiar e social, o que inevitavelmente acarreta perdas e

algum sofrimento psíquico... Interessei-me em estudar principalmente o processo de autonomia do adolescente face aos pais e a consequente conquista de um sentimento de identidade (quem sou? para onde quero ir? o que fazer com o meu novo corpo e as minhas novas capacidades cognitivas?), no sentido de desenclausurar e conseguir chegar a um bom porto...

Os adolescentes de hoje são “mais difíceis” como é comum ouvir-se dizer?

A transição da adolescência para a idade adulta, com o que isso implica de portas de acesso ao estatuto de adulto, está a revelar-se cada vez mais difícil... O porto a que se atraca pelos finais da adolescência é, para muitos jovens, pouco abrigado, dadas as cada vez mais difíceis condições sociais de



acesso à profissão com que se sonhou, à possibilidade de autonomia económica, às incertezas quanto ao futuro... Os adolescentes de hoje espelham, reflectem as suas circunstâncias... Vivem mais sós, mais desamparados, mais entregues ao convívio entre pares no contexto escolar e são expostos a problemas novos para os quais não existe transmissão de experiência entre gerações, nem de pais para filhos, nem de professor para aluno (consumo de droga, SIDA, por exemplo). São eles próprios criadores de cultura, de novos valores e têm de encontrar por eles próprios as soluções para os problemas que as gerações adultas não conseguem resolver de forma satisfatória.

Considera que os alunos de agora estão mais mal preparados do que há uns anos atrás?

Sou professora de alunos de Medicina e esses não são seguramente o padrão... Estes deixam-me sempre muito bem impressionada com a preparação que trazem e sobretudo com as suas capacidades de estudo e de domínio das novas tecnologias... Obrigam-nos a uma permanente actualização de conhecimentos... São, de um modo geral, jovens muito interessantes e curiosos, procuram uma relação mais próxima e informal com os professores, o que me parece muito bom. Gostaria que fossem mais irreverentes, mais críticos, que tivessem mais “golpe de asa” (será que não têm sonhos?) e que lutassem por um mundo melhor...

O seu último livro, *Dor Sem Nome*, é um sucesso editorial. Compreende porquê?

Porque provavelmente o meu livro *Dor Sem Nome*, *Pensar o Sofrimento* fala de algo profundamente humano e universal – a experiência da dor psíquica – mas que se esconde, ou de que o Homem se esconde (vivendo na ilusão de que não vendo ela não exista?...). Somos cegos face ao que não podemos pensar, por ser intolerável? Até onde pode ir a nossa consciência da dor? Qual o limiar do pensável? Quando e em que circunstâncias mentais paramos estarecidos, a voz se embarga, as palavras fogem e apenas nos socorremos



da linguagem do corpo e do olhar? Quando dizemos para nós próprios “isto é de mais!”? Estas algumas das questões que se me colocaram e sobre as quais senti o desejo ou a necessidade de pensar...

Não é muito comum abordar-se a dor psíquica numa perspectiva científica...

A dor, tal como a morte, une os seres humanos numa experiência comum e inelutável. Estranhamente, porém, o tema do sofrimento psíquico, ou da dor em sentido lato, tem estado banido, rasurado da escrita e apagado da linguagem científica. A minha qualidade de psicanalista tem-me permitido ao longo dos anos uma escuta muito fina e um contacto muito íntimo com o sofrimento psíquico das pessoas que procuram a minha ajuda terapêutica. Senti portanto que não podia furtar-me à necessidade de estudar e investigar sobre o tema, pela importância que a dor (no corpo e na alma) assume na nossa existência e na prática clínica dos profissionais de saúde. O livro foi muito bem recebido pela crítica e despertou muito interesse junto dos técnicos de saúde e da população em geral, apesar de ser um livro essencialmente de teoria e técnica psicanalítica, porque permite uma compreensão alargada de algo indizível, inominável, uma dor que não encontra palavras para se dizer... :

AS ESCOLHAS DE *Manuela Fleming*

LIVRO *Memórias de Adriano* de Marguerite Yourcenar ou *Inventar a Solidão* (com o *Livro da Memória*) de Paul Auster

MÚSICA *Gluck* (Orfeo ed Euridice) mas também *Charlie Haden* (Art of Song, por exemplo) **FILME** *O Carteiro de Pablo*

Neruda Michael Radford mas porque não também *Dogville*? **POEMA** *Toda a Poesia de Fernando Pessoa* e de *Rainer*

Maria Rilke **COR** Vermelho (no Verão), Branco (no Inverno) **VIAGEM** Cabo Verde, Açores... sempre as ilhas

FRUTO Vermelhos (uvas, morangos, cerejas, mirtilhos...) **PINTOR** Chaggal, Klimt... tantos!